

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

**RITUAIS DE DESPEDIDA CATÓLICOS E FINITUDE: UM OLHAR
FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL**

AMANDA FIGUEROLA DI RIENZO

SÃO PAULO

2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

**RITUAIS DE DESPEDIDA CATÓLICOS E FINITUDE: UM OLHAR
FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL**

AMANDA FIGUEROLA DI RIENZO

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência
parcial para a graduação no Curso de Psicologia
sob orientação da Prof. Dr. Mauro Lantzman

SÃO PAULO
2025

RESUMO

Título: Rituais de despedida católicos e finitude: um olhar fenomenológico existencial

Ano: 2025

Orientador: Prof. Dr. Mauro Lantzman

Autor: Amanda Figuerola Di Rienzo

Este trabalho trata-se de uma discussão acerca de dois temas intimamente relacionados: Finitude e Religião. Buscou como objetivo principal compreender a importância dos rituais de despedida dentro da religião católica partindo do conceito de finitude proposto pela Fenomenologia Existencial, de modo a entender sua importância e relevância individual e coletiva. Dentro disso, abarcaram-se outros objetivos específicos tais como revisar bibliografias brasileiras acerca do conceito de finitude e luto na Psicologia Fenomenológico Existencial, entender quais rituais de finitude pertencem à religião católica, como são realizados e por que são realizados e por fim dialogar a concepção de finitude discutida com os rituais de despedida. Em um primeiro momento foram definidas as bases teóricas da discussão. Assim sendo, a introdução foi dividida em quatro capítulos teóricos, sendo eles “A Morte no Ocidente”, “Morte e Rituais de despedida na religião Católica”, “Finitude desde uma perspectiva Fenomenológico Existencial” e “O Luto para a Fenomenologia Existencial”. Em seguida, no capítulo de discussão buscou-se relacionar as bases teóricas exploradas a fim de entender de que maneira a finitude e os rituais de despedida se relacionam para a fenomenologia existencial. A discussão levou em conta tanto relações positivas quanto negativas, mas sempre ressaltando que trata-se de uma interpretação e, portanto, não buscou encontrar uma generalização. O tema da morte é um tema vasto e inesgotável, de modo que é sempre relevante cientificamente estudá-lo além de ser uma forma de afirmar a vida em uma sociedade em que não há espaço para se pensar a morte.

Palavras-chave: Fenomenologia Existencial. Finitude. Rituais de Despedida. Catolicismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. MÉTODO	8
3. EMBASAMENTO TEÓRICO E CONCEITOS-CHAVE	10
3.1 A Morte no Ocidente	10
3.2 Morte e Rituais de despedida na religião Católica	12
3.3 Finitude desde uma perspectiva Fenomenológico Existencial	14
3.4 O Luto para a Fenomenologia Existencial	16
4. DISCUSSÃO: Dialogando as ideias de Luto e Finitude na Fenomenologia Existencial com os Rituais de Despedida do Catolicismo	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1. INTRODUÇÃO

O trabalho em questão busca dialogar e interceptar dois temas intimamente relacionados: Finitude e Religião. O interesse pelo tema da finitude surgiu especificamente enquanto ainda frequentava a escola. Antes de me interessar pela área da Psicologia de uma forma geral, meu primeiro interesse foi na área de Psicologia da Morte durante meu Ensino Médio. Li uma obra do português José Saramago, “As Intermittências da Morte” (2005) para a realização de um trabalho escolar e fiquei muito incomodada com a leitura. A partir disso, comecei a refletir sobre a compreensão da finitude atualmente e o porquê desse caráter negativo atribuído à morte. Além disso, desde o início da graduação, sempre me identifiquei muito com a abordagem fenomenológico existencial, especialmente pela forma de compreender e representar a finitude em obras de Heidegger, Husserl e Sartre, entre outros. Dentro disso, acredito que, depois desses anos, seria uma realização pessoal poder de fato explorar e concluir minhas indagações a respeito da finitude a partir de um embasamento teórico com o qual eu me identifico.

Com relação ao aspecto religioso do trabalho, ao compreender que parte considerável da população brasileira identifica-se com a religião católica, a importância social deste trabalho abarca justamente a compreensão da finitude e a importância dos rituais de despedida especificamente dentro do Catolicismo. Por outro lado, também é importante perceber como o campo da morte e os estudos sobre a morte representam um campo bastante vasto. Existem diversas pesquisas já realizadas acerca do tema com diferentes enfoques e existem muitas outras pesquisas a serem feitas. No entanto, pelo fato de se tratar de uma temática incerta, as pesquisas neste campo nunca se esgotam e são sempre ricas para o contexto científico.

Pensando desde uma perspectiva social, o tema da finitude da vida está presente no cotidiano humano desde os seus primórdios, sendo abordado de diversas maneiras e responsável pelo modo que muitos enxergam sua própria existência. Somado a isso, vale pontuar que dentro dessas variadas formas de se compreender a morte, há visões que atribuem explicitamente uma carga negativa para tal, tratando-a como um tabu. Diante dessa perspectiva negativa atribuída à finitude surge a necessidade de compreender por que e como se deu socialmente essa perspectiva e encontrar formas de confortar-se com a ideia de finitude em certa medida.

Desta forma, este trabalho busca como objetivo principal compreender a importância dos rituais de finitude dentro da religião católica partindo do conceito de finitude para a Fenomenologia Existencial. Dentro disso, abarcam-se outros objetivos específicos tais como

entender como os rituais de despedida católicos se relacionam com a perspectiva fenomenológica existencial da finitude e, a partir disso, explicar a importância e a necessidade de tais rituais; revisar bibliografias brasileiras acerca do conceito de finitude e da vivência do luto na Psicologia Fenomenológico Existencial, entender quais rituais de finitude pertencem à religião católica, como são realizados e por que são realizados e por fim dialogar a concepção de finitude discutida no embasamento teórico com os rituais de despedida e sua importância pessoal e social.

Para desenvolver tal trabalho, em primeiro lugar, no capítulo “A Morte no Ocidente”, será feita uma discussão acerca do conceito de Morte para além do contexto Psicológico, pensando sua relevância histórica e social especialmente na cultura ocidental. É trazida uma discussão sobre a retrospectiva histórico-social da perspectiva coletiva da morte na sociedade ao longo do tempo com um enfoque na cultura Ocidental. Para isso, foram levados em consideração, principalmente, os artigos: “A caminho da morte com dignidade no século XXI” (Kovács, 2014), “Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média” (Ariès; Jordão, 1989) e “O homem diante da morte” (Ariès, 1977).

Em seguida, no capítulo “Morte e rituais de despedida na religião Católica” é trazida a temática da morte pensada desde a perspectiva do Catolicismo. São apresentados diversos rituais presentes na religião católica: nomeando-os e detalhando-os, tais como as exéquias e a missa de sétimo dia. Além disso, é dialogado sobre a importância destes rituais desde uma perspectiva pessoal e coletiva dos praticantes da religião católica. Para referenciar este capítulo serão usados os artigos: “A Importância dos Rituais diante da Morte” (Câmara; Bassani, 2023), “A temática da morte como campo de estudo da Ciência da Religião: theme of death as a field of study for the Science of Religion” (Souza, 2024).

No terceiro capítulo teórico, “Finitude desde uma perspectiva Fenomenológico Existencial” é definida a ideia de finitude a partir de autores brasileiros tidos como referência na abordagem em questão. Dentre eles, destacam-se Marco Antonio Casanova, Ida Cardinalli e Marcelo Sodelli. No entanto, também serão trazidas algumas referências diretas de Martin Heidegger em alguns casos, especialmente com relação à sua obra “Ser e Tempo” (1927).

Para finalizar a base teórica deste trabalho, o capítulo “O Luto para a Fenomenologia Existencial” explica o que é entendido como luto dentro da fenomenologia existencial e quais são as implicações para a elaboração desse luto. Para isso foi usado como referência o artigo “Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva” (Freitas, 2013).

Por último, é realizada uma discussão a partir dos capítulos anteriores com o objetivo de dialogar a perspectiva teórica fenomenológica existencial e os distintos rituais de despedida presentes na religião católica no Brasil e compreender de que maneira se relacionam.

2. MÉTODO

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa para explorar a finitude e os rituais de despedida dentro da religião católica, com um enfoque específico na compreensão da morte a partir da fenomenologia existencial.

Primeiramente, como objetivo inicial foi feita uma retrospectiva histórica, social e cultural a respeito da morte e de como chegou-se à imagem negativa que se tem atualmente. Para isso, foram utilizados artigos e obras principalmente do historiador medieval Philippe Ariès que é tido como referência nessa temática. No entanto, também foram usados alguns artigos atuais da professora Maria Júlia Kòvacs que aborda o tema da Morte na contemporaneidade em muitos de seus trabalhos.

O objetivo de compreender o conceito de finitude dentro da fenomenologia existencial foi alcançado por meio da leitura e interpretação das obras de autores tidos como referência dentro dessa abordagem, como Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Edmund Husserl. Além disso, também foram usados artigos atuais realizados no campo da Psicologia Fenomenológica Existencial, com ênfase nas obras de Marco Antônio Casanova, Ida Cardinalli e Marcelo Sodelli. A partir dessa revisão, buscou-se entender como o conceito de finitude é construído e como ele pode ser relacionado aos rituais religiosos.

Ainda dentro dos conceitos base deste trabalho na fenomenologia existencial, o fenômeno do luto e sua elaboração foram definidos também explorando ideias de autores como Martin Heidegger e Edmund Husserl. No entanto, para trazer uma interpretação mais atual, também foi trazido um artigo da Psicologia fenomenológico existencial de 2005 escrito por Joanneliese de Lucas Freitas tida como pesquisadora neste campo de interesse.

Para investigar os rituais de despedida no Catolicismo, foram usados artigos acadêmicos atuais sobre a temática da morte e dos rituais de despedida, tal como referências oficiais no Congresso Nacional dos Bispos do Brasil (1952). A partir destas referências foi possível compreender o significado dos rituais de despedida tanto para os indivíduos quanto para a comunidade religiosa, considerando o papel social e psicológico que esses rituais desempenham no processo de enfrentamento da morte.

Por fim, para estabelecer um diálogo entre os capítulos teóricos e responder ao objetivo principal da pesquisa foi feita uma discussão/reflexão teórica levando em consideração a natureza dos rituais de despedida e os conceitos e interpretações trazidos sobre a finitude e o luto na Fenomenologia Existencial.

Dessa forma, foi possível discorrer a respeito da importância dos rituais de finitude dentro da religião católica partindo da Fenomenologia Existencial e levando em consideração tanto aspectos positivos quanto negativos.

3. EMBASAMENTO TEÓRICO E CONCEITOS-CHAVE

3.1 A Morte no Ocidente

Partindo da Antiguidade, entende-se que a morte era reconhecida como uma passagem indesviável do ser para outro mundo. Por mais que houvesse uma vontade por viver mais, não havia uma necessidade por afastar-se dessa temática. Quando uma pessoa encontrava-se em seu leito de morte, toda sua família e amigos eram reunidos de modo a realizar uma despedida diante de um fato inevitável: a morte. Tratava-se especialmente de um momento de união e encerramento, sem haver grandes revoltas ou desejos por reverter a situação.

Com a morte, o homem se sujeitava a uma das grandes leis da espécie e não cogitava em evitá-la, nem em exaltá-la. Simplesmente a aceitava, apenas com a solenidade necessária para marcar a importância das grandes etapas que cada vida devia sempre transpor (Ariès, 2002, p. 47).

A percepção das pessoas acerca da morte nesta etapa estava definida pela aceitação.

Nesta mesma época, era também imprescindível o entendimento da morte a partir da mitologia grega como parte da cultura Ocidental. Os deuses gregos representavam uma forma de abordar e trazer ao cotidiano temas *a priori* difíceis de lidar, dentre eles: a morte. Destacam-se dentro desta temática as deusas Hécate e Perséfone que estavam a cargo do mundo inferior e esforçavam-se para tornar a morte menos atormentadora. Perséfone e Hécate, sua criação, viviam no submundo e tinham o objetivo de conduzir os mortos pela transição de mundos. Hécate era conhecida como Deusa dos Caminhos, “sua função de guia era especialmente marcada, sendo responsável por acompanhar indivíduos em lugares ou tempos de transição” (Carvalho, 2019, p. 20).

Ao adentrar o século XIX a morte assume uma nova perspectiva, tomando uma figura romantizada. A morte passa a ser entendida como “uma fuga para os problemas e a insatisfação com o mundo” (Silva, 2011, p. 2). Partia-se do pressuposto de que a morte servia como um forma de dar fim às angústias e insatisfações perante vida, sendo assimilada a um momento de paz. Ela não torna-se, entretanto, algo desejável, mas sim algo valorizado.

Com o início do século XX a morte passa a construir-se na perspectiva que se tem atualmente: repulsa e medo. “Houve desapropriação da morte na era moderna, afastando pessoas do seu processo de morrer, numa flagrante perda de autonomia e consciência” (Kovács, 2014, p. 95). A sociedade pós-modernista emergente, caracterizada pela valorização do coletivo, não abre espaço para que exista o tema da morte. “Ora, se a morte é um fenômeno individual e intransferível como diz a corrente existencialista, e o capital, monopoliza suas

forças no coletivo, logo, na cultura de massa, não há espaço na sociedade atual para a morte” (Silva, 2011, p. 4).

Entende-se, portanto, a anulação da subjetividade humana, por tratar-se de algo individualista e inalcançável. Deste modo, a figura da morte inscrita na subjetividade humana passa a ser também aterrorizada e afastada.

O Modernismo toma a morte sob uma perspectiva banalizadora a fim de esconder o caráter aversivo que ela está atrelada. Ocorre a banalização da morte na TV, inundando domicílios com imagens de mortes, quer nos noticiários, novelas ou filmes. É o retrato da morte indigna no século XXI. Entre mortes escancaradas indignas incluímos: assassinato, suicídio e acidentes. São mortes coletivas, anônimas e com corpos mutilados, dificultando o processo de despedida (Kovács, 2014, p. 95).

Assim, sendo o sofrimento perante o fim perde o espaço de elaboração e a “A morte pode se tornar evento solitário, sem espaço para a expressão do sofrimento e para rituais” (Kovács, 2014, p. 95). Pensa-se uma sociedade em que o sofrimento não é levado em consideração e é intimamente atrelado a uma experiência negativa, dessa forma é visto como algo intolerável e que precisa ser descartado. No entanto, é importante reconhecer que “o sofrimento só é intolerável quando não é cuidado, levando a processos autodestrutivos” (Kovács, 2014, p. 97).

É importante perceber ao longo desta retrospectiva histórica que, a presença da morte na cotidianidade desde a Idade Antiga continuou a mesma, de modo que, o que esteve em mudança durante a passagem do tempo foi a perspectiva e incorporação cultural desse tópico na sociedade. Assim sendo, entende-se que apesar de atualmente tratar-se de uma figura de repulsa e medo, a morte torna-se um tópico proibido, mas não inexistente. “Então, ao mesmo tempo em que é interdita, a morte torna-se companheira cotidiana, invasiva e sem limites, e, embora essas mortes estejam tão próximas (real ou simbolicamente), reina uma conspiração do silêncio” (Kovács, 2003, p. 486).

Entretanto, o medo diante da morte surge a partir de um possível vazio de respostas. Não compreender o porquê da morte, como ela se configura e especialmente o que acontece no pós-morte podem ser as inseguranças atreladas a esse medo. Enxerga-se como muitas pessoas buscam essas respostas (mesmo que incompletas) em diversos âmbitos para assim encobrir suas inseguranças e evitar o contato com o sofrimento do não saber.

Respostas foram trazidas pelas religiões, ciências, artes, filosofias, entretanto, nenhuma delas é completa e universal. São incompletas, embora possam ser, para algumas pessoas, num dado tempo, o que buscam, oferecendo, mesmo que provisoriamente, um sentimento de totalidade (Kovács, 2003, p. 486).

Por um lado, portanto, instaura-se um sofrimento tão intolerável a ponto de forçar a morte a tornar-se um tópico ignorável e buscar conforto em outros âmbitos para que uma vida não se paralise diante dessa incompletude. Por outro, é imprescindível reconhecer que adentrar por completo o sofrimento diante do fim poderia ser algo disfuncional e paralisador quando não elaborado. Dessa forma, a morte atrelada a essa figura de repulsa, é também um motivador de vida (em certa medida).

A grande dádiva da negação e da repressão é permitir que se viva num mundo de fantasia onde há ilusão da imortalidade. Se o medo da morte estivesse constantemente presente, não conseguiríamos realizar os sonhos e projetos. Existe, no ser humano, o desejo de se sentir único, criando obras que não permitam o seu esquecimento, dando a ilusão de que a morte e a decadência não ocorrerão. Essa couraça de força é uma mentira que esconde uma fragilidade interna, a finitude e a vulnerabilidade (Kovács, 2003, p. 494).

3.2 Morte e Rituais de despedida na religião Católica

Em primeiro lugar é necessário compreender quais rituais estão aqui compreendidos como rituais de despedida da religião católica. Dentre eles, serão levados em consideração neste trabalho a Unção dos Enfermos, as Exéquias e a Missa de Sétimo Dia.

Além de tratar-se de uma tradição religiosa, também é importante compreender os diversos fatores subjetivos compreendidos por trás de tais rituais. Entende-se a necessidade de um encerramento digno, especialmente para aqueles que ficam, para que compreendam e aceitem a partida da pessoa querida, “O contato com o corpo do falecido, quer seja apenas pela visão ou pelo toque, ajuda as pessoas na constatação da sua partida” (Câmara; Bassani, 2023, p. 142). Somado a isso, os rituais de despedida também são ambientes facilitadores para a formação de laços fortalecedores na fase do luto, já que todos os presentes no ritual compartilham do vazio deixando por quem se foi.

Ainda que o ritual possa intensificar a dor no momento da despedida, é preciso considerar que há uma rede apoio formada por aqueles que participam dos rituais fúnebre. Não apenas no momento da morte, mesmo antes, quando os sinais relativos à finitude do enfermo tornam-se cada vez mais evidentes, existe no catolicismo um ritual que pode ser realizado, a Unção dos Enfermos (Câmara; Bassani, 2023, p. 142).

A Unção dos Enfermos, de todos aqui citados, será o único ritual de despedida realizado com a pessoa em vida. Reúnem-se os familiares e entes queridos do enfermo e realiza-se um ritual com óleo a fim de que o enfermo possa ser perdoado de seus pecados e despedir-se daqueles que o amam. Trata-se de um importante ritual diante de doenças em estado grave, tanto para que o enfermo receba um fim digno e tranquilo, quanto para os entes queridos que

conformam-se com o estado médico da pessoa e recebem a oportunidade de despedida e aceitação do fim enquanto em vida.

De acordo com o pensamento cristão católico, a realização do Ritual da Unção dos Enfermos ajuda o doente na dimensão espiritual e os familiares. É um ato que tende a despertar a consciência individual e grupal da impotência humana diante da enfermidade grave e morte iminente. (Câmara; Bassani, 2023, p. 143)

Também considera-se o cenário em que o enfermo possui chances de melhora. Nesse caso o ritual serve como um método de ajudar a pessoa enferma a compreender e dedicar atenção para aquilo que lhe é importante em vida, “pode tornar a pessoa mais madura e ajudá-la a discernir o que não é essencial na sua vida, para se voltar àquilo que é essencial” (Câmara, S. L.; Bassani, M. A.; 2023; p. 144).

A Unção dos Enfermos é uma forma de acolher o sofrimento tanto do enfermo quanto de seus entes queridos, ao mesmo tempo em que compreendem sua impotência diante da enfermidade e reduzem o desespero por reverter uma situação (em alguns casos irreversível).

Do ponto de vista fisiológico não ocorre a cura da enfermidade, no entanto, os sentimentos de impotência e desespero causados pela doença podem ser amenizados pelo ritual e favorecer o restabelecimento da saúde ou, pelo menos, a maneira como a pessoa lida com a situação (Câmara, S. L.; Bassani, M. A.; 2023; p. 144).

Em segundo lugar estão as Exéquias, que abarcam os funerais e cerimônias que são feitos antes ou após o sepultamento da pessoa falecida. “O Ritual das Exéquias é muito conhecido como “encomendação da alma”” (Câmara; Bassani, 2023, p. 145). Trata-se de um espaço onde os parentes e amigos do falecido podem despedir-se e permitir-se sentir a dor e sofrimento causados pela ausência física da pessoa querida. De acordo com a Conferência Nacional de Bispos no Brasil (CNBB, 2003, p. 539) é um lugar que unifica e sintoniza os entes queridos do falecido diante da dor e do sofrimento comuns.

Por último, destaca-se a Missa de Sétimo Dia, realizada sete dias após o sepultamento do falecido, “congrega o maior número de pessoas que desejam honrar a memória do falecido e manifestar solidariedade aos familiares. Embora na prática não importe, poucas pessoas sabem que o Missal Romano não apresenta especificações para a realização dessa celebração” (Câmara; Bassani, 2023, p. 146). Durante a Missa de Sétimo Dia são trazidos vários momentos e lembranças relacionados à pessoa falecida, de modo a permitir “uma interação simbólica entre ele, os presentes e Deus” (Câmara; Bassani, 2023, p. 150).

Pensando nos rituais mencionados, é importante entender que “A consciência que temos da nossa finitude vem acompanhada do que pode ser feito quanto ela se mostra muito próxima”

(Câmara; Bassani, 2023, p. 150). Por isso, os rituais de despedida se mostram relevantes nesse aspecto, num movimento de tentar significar um sofrimento e confortar a pessoa que está sofrendo. No entanto, cada um interpreta e adere o ritual subjetivamente de maneira distinta, o que não interfere em sua importância social e coletiva, mas é necessário que haja de fato um envolvimento no ritual.

Cada gesto, movimento, cor litúrgica, atitude, palavra tem um caráter simbólico que é atingido por uma adesão mental dos participantes. Caso não ocorra essa adesão, incorre-se num esvaziamento do sentido, o ritual perde sua razão de ser e, em vez de trazer conforto, pode provocar alguma perturbação (Souza, Souza, 2019).

3.3 Finitude desde uma perspectiva Fenomenológico Existencial

Para estudar a ideia de finitude da Fenomenologia Existencial é necessário, primeiro, recorrer a conceitos fundamentais desta vertente, para assim construir a ideia de morte. Na obra “Ser e Tempo” (1927), Martin Heidegger apresenta o conceito de ser-aí (*Dasein*) como um ser que acontece e existe no mundo a partir da possibilidade de ser nesse mundo. Nesse sentido, “O ser-aí não tem como qualidade estar aberto, mas ele é esse estar aberto que possibilita apreender as significações daquilo que aparece, seja dos entes do mundo, seja dele mesmo para si mesmo” (Cardinalli, 2015, p. 251). De uma maneira geral, “o ser-aí humano é radicalmente marcado pelo caráter de poder-ser” (Casanova, 2015, p. 181). Dentro disso, esta abertura de poder-ser do ser-aí pode ser explicada através de estruturas existenciais tais como a compreensão, a interpretação e o discurso.

Em primeiro lugar, a compreensão diz respeito às possibilidades de ser-no-mundo, de modo que em um primeiro momento, o ente se abre para tais possibilidades. Em segundo lugar, está a interpretação, a qual permite uma elaboração das possibilidades antes projetadas. Dessa forma, o discurso surge como uma articulação entre a compreensão e a interpretação de modo a trazer sentido para as possibilidades de ser. “O sentido sustenta, portanto, a compreensibilidade de alguma coisa, articulando a interpretação e o discurso” (Cardinalli, 2015, p. 251).

Partindo do pressuposto de que a temporalidade é quantitativa e inerente ao ser, de forma que não há como exercer controle sobre ela, entende-se que “A temporalidade é uma dimensão fundamental para a reflexão do sentido de ser do ser humano” (Cardinalli, 2015, p. 251). Assim, admite-se presente, passado e futuro como tempos intrinsecamente relacionados ao ser-aí a à sua formação de sentido.

Tomando o presente como o instante para o qual pensa-se as possibilidades do ser-aí, entende-se que “O instante como instância de corte estrutural entre passado e futuro tanto quanto como lugar de rearticulação plena de passado e futuro, sintetiza de maneira radical a totalidade do tempo” (Casanova, 2015, p. 186). Portanto, pensar sobre o presente e pensar sobre as possibilidades que existem no instante, implica pensar incessantemente no passado e no futuro, ou seja, “o existir se descobriu agora radicalmente marcado pelo espaço-entre no qual o ser-aí insistentemente é” (Casanova, 2015, p. 182). De certo modo, conclui-se que o ser depende do tempo para decidir e organizar suas possibilidades de ser, em outras palavras,

O futuro apela e solicita o ser-aí, quando o compreendemos como ser lançado no movimento de vir a ser, possibilitando, desse modo, tanto as mudanças nas maneiras de existir quanto a aproximação das incertezas e a instabilidade no viver (Cardinalli, 2015, p. 251).

Assim, admite-se a ideia de finitude, isto é, a possibilidade de futuro, ao mesmo tempo em que garante um sentido ao ser, também o aproxima da possibilidade de não-ser, a morte. Assim a finitude não é compreendida como o fim das possibilidades, mas sim uma possibilidade última de ser a qual é insubstituível a qualquer ser. Em outras palavras, ser implica necessariamente o não-ser, pois “Logo que nasce o homem está lançado à possibilidade de morrer e assim é constituído por ela” (Cardinalli, 2015, p. 252) e, portanto, existindo a possibilidade do não-ser no instante, entende-se que “O presente transforma-se aqui no campo de síntese plena de passado e futuro, uma síntese que dota o tempo agora de uma densidade ontológica que o transubstancia, reconciliando-o com a eternidade” (Casanova, 2015, p. 188).

A partir disso, o ser-aí estabelece um comportamento de fuga perante a essa possibilidade de ser insubstituível. “Assim, o homem no seu cotidiano mantém uma conduta de fuga caracterizada pela indiferença e tranquilidade no saber da morte como um fato inevitável” (Cardinalli, 2015, p. 252). Explica-se, portanto, o ser-aí a partir do conceito de Eternidade Frágil, que, descrito por Marco Antonio Casanova,

É o tempo de um tal modo de ser no mundo, do modo de ser no mundo do homem contemporâneo. Do homem que acorda em um mundo sem transcendência, sem imanência, sem qualquer possibilidade de apelo a sentidos e finalidades extramundanas, mas que não se vê necessariamente condenado, com isto, ao caráter avassalador de uma realidade sem sentido e sem direção, a um vagar pela terra sem jamais alcançar qualquer orientação (Casanova, 2015, p. 191).

Entretanto, a finitude como a possibilidade de ser imutável a qualquer ser, coloca-se presente em todas as estruturas existenciais do ser, sendo um poder ser absoluto e imutável, portanto “a

aproximação da finitude pode possibilitar a apropriação de si mesmo, ao contrapor a fuga absorvente no cotidiano” (Cardinalli, 2015, p. 252).

3.4 O Luto para a Fenomenologia Existencial

Em primeiro lugar, cabe aqui compreender que o luto fenomenologicamente pensado não instaura-se como o fim de algo ou como uma situação a ser resolvida. O luto aqui discutido é visto como parte do processo de formação do eu. Ao revisitar a ideia de que o ser não se concebe inerente ao outro, entende-se que o ser é sempre um ser-com-o-outro. O ser-aí enquanto abertura às possibilidades de ser compreende intrinsecamente um ser-com, dado que só se é quando em relação com-o-outro e com-o-mundo. Assim, entende-se o luto como uma possibilidade inevitável do ser-com, em outras palavras “Todas as relações significativas estão sujeitas ao luto” (Freitas, 2013, p. 99).

O luto e a significação a ele atribuída relacionam-se intrinsecamente com a profundidade do ser em sua coexistência com o outro. Além disso, também cabe entender que, se ao ser é inerente à coexistência e ele só existe, portanto, enquanto ser-com, sofrer a perda abrupta de um ente querido é sofrer também uma perda significativa do sentido de ser. Em outras palavras:

O luto vivido em decorrência da morte de um ente querido não é somente uma experiência dura e profunda de perda, mas também a evocação de nossa condição mortal, assim como da inevitabilidade e irreversibilidade da morte (Freitas, 2013, p. 98).

Desta forma, para compreender o luto em sua perspectiva fenomenológico existencial é preciso pensar sobre dois aspectos ontológicos. O luto é parte do fenômeno que engloba a relação eu-tu. É essencial entender que o luto, apesar de seu caráter universal de ocorrência, é dado de diversas formas, formas estas que decorrem diretamente da historicidade da relação eu-tu e do sentido atribuído à relação com-o-outro. Também, podemos dizer que:

Apesar de seu contexto psicológico que pode ser analisável e classificável, fenomenologicamente, a especificidade da relação só pode ser compreendida no contexto da vivência e do sentido, onde o esforço metodológico se dirige à busca da compreensão das vivências enquanto fenômenos. (Freitas, 2013, p. 99).

É, portanto, necessário reduzir o fenômeno a ele mesmo, ou seja, entender as infinitas possibilidades existentes dentro da relação eu-tu que foram abruptamente rompidas com a morte do outro. Entretanto, entende-se neste momento que não trata-se de compreender o fenômeno como uma singularidade do ser-aí, mas sim entender a relação eu-tu em sua singularidade.

A literatura psicológica, portanto, por tratar da singularidade, apresenta elementos que não são estranhos a uma análise fenomenológica no contexto clínico: as variações da vivência do luto são influenciadas pela qualidade do vínculo entre o morto e o enlutado, assim como as especificidades da relação dos que estão envolvidos (Freitas, 2013, p. 100).

Para isso, surge a ideia de horizonte histórico. Para reduzir e compreender o fenômeno da forma como ele se dá, é imprescindível entender os contextos e possibilidades os quais agregam sentido ao fenômeno.

O horizonte histórico nos permite vislumbrar os contextos de apresentação nos quais são possíveis as articulações de sentido na apresentação do fenômeno e não como elemento que define o fenômeno per se (Freitas, 2013, p. 101).

Diferente do que intuitivamente se pode pensar, o horizonte histórico do fenômeno é dado pelo próprio fenômeno, ao mesmo tempo em que garante a sua totalidade. O horizonte não engloba tão somente as possibilidades da relação eu-tu como também garante validação destas possibilidades, ou seja, constitui o fenômeno em sua totalidade para que ele se apresente como ele mesmo. Trata-se de um “campo de articulação de sentido e de validação das organizações de sentido e das vivências” (Geniusas, 2010 apud Freitas, 2013, p. 102). Ou seja, “O horizonte não se constitui, portanto, como uma influência “de fora para dentro”, mas se apresenta como condição de apresentação mesma dos fenômenos, enquanto possibilidade e validade e, portanto deve ser continuamente revelado” (Freitas, 2013, p. 102).

Terminada a discussão referente ao fenômeno, mostra-se o segundo tópico de discussão no que cerne ao entendimento do luto na fenomenologia existencial: “a questão do outro e da revelação da subjetividade como intersubjetividade” (Freitas, 2013, p. 102). Entende-se aqui o outro como parte existencial do ser, não trata-se de um objeto perdido, mas sim da perda de sua própria existência quando na ausência do ser-com.

O outro aqui se apresenta como existencialmente dado e não como ciência. O outro não é um ob-jectum do meu conhecimento, mas sujeito coexistente em minha experiência de ser-no-mundo, calcado nesse “fundo”, nessa situação comum que é nossa intercorporeidade (Freitas, 2013, p. 102).

O ser enquanto ser-no-mundo configura seu “eu” a partir da relação eu-tu, isto é tal relação “É reveladora de um universo de experiências e de uma forma própria de ser um “eu” (Freitas, 2013, p. 103). Com isso, parte-se do pressuposto de que perder um ente querido coloca o ser em uma posição repentina de buscar uma nova forma de ser-no-mundo e ressignificar a relação eu-tu.

A supressão abrupta da presença do tu em um modo específico de mostrar-se na relação é o elemento crucial e disparador da experiência do luto. Não que o “tu” desapareça, antes, desaparece uma maneira de ser “eu” diante do “tu”, pois o outro

não é uma ciência que tenho dele, mas como dissemos anteriormente, é uma experiência de abertura do mundo (Freitas, 2013, p. 103).

É nesse ponto que está a vivência do luto, não como uma perda do outro, mas como uma perda de si mesmo quando na ausência do outro. Trata-se de “um campo de exigência de um novo sentido, de uma nova forma de ser-no-mundo, de ressignificação da relação vivida com o ente perdido” (Freitas, 2013, p. 103). Essa busca por uma nova forma de ser-no-mundo não visa eliminar o outro na relação eu-tu, mas entendê-lo de uma maneira diferente na relação. Fisicamente não existe o “tu”, mas o “eu” ainda encontra formas alternativas de existência do “tu”, cabe dizer que

O outro não cessa de se anunciar, todavia os modos de ser que se apresentam para o enlutado se restringem a poucas possibilidades de expressão, mais a lembranças do que efetivamente a presenças, são expressões de um ausente, uma vez que nossa tese comum, a corporeidade, é desfeita com o acontecimento da morte (Freitas, 2013, p. 103)

Ao buscar uma nova forma de ser-no-mundo o “eu” procura ressignificar sua existência e buscar um novo sentido na relação eu-tu sem a presença do “tu” da forma como ela se dava até então. Trata-se de uma nova existência do “tu”, “A existência será doravante uma presença que se anuncia na ausência” (Freitas, 2013, p. 103). Dessa forma, viver o luto compreende-se por fim como uma reorganização e ressignificação da relação eu-tu quando a existência do tu é marcada por sua ausência. Conclui-se, portanto que

Do ponto de vista fenomenológico a ressignificação exigida é, portanto, da relação eu-tu e não do luto. Ou seja, o luto não termina com uma “resolução”, com a volta à vida que o sujeito vivia antes da perda, mas sim com a incorporação deste evento na vida do enlutado, de tal modo que possa seguir a vida adiante com uma conexão contínua, porém nova, com o ente perdido (Freitas, 2013, p. 103 e 104).

4. DISCUSSÃO: Dialogando os conceitos de Luto e Finitude na Fenomenologia Existencial com os Rituais de Despedida do Catolicismo

Neste momento já foram definidas as bases importantes para a discussão que será feita a seguir. Com relação à fenomenologia existencial já foi discutida a ideia de finitude juntamente ao conceito de ser-aí e os fenômenos a ele atrelados; também foi estabelecido o limiar do que se entende por luto dentro da vivência do ser-aí. Por fim, foram delimitados os rituais de despedida primordiais que formam parte da religião católica e suas especificidades.

Assim sendo, cabe aqui uma discussão que busque entender de que maneira essas bases se relacionam. Em outras palavras, será uma forma de juntar tudo que foi coletado e compreender por fim a importância dos rituais de despedida quando pensados a partir dos conceitos de luto e finitude definidos pela fenomenologia existencial.

É importante, em primeiro lugar, ressaltar que não se trata de uma generalização da subjetividade das experiências vividas, mas sim de uma discussão que busque abranger todas as infinitas possibilidades de relação e significação que podem estar atreladas à vivência do ser quando em contato com um ritual de despedida católico. Partindo desse pressuposto, é também intuitivo pensar que, ao discorrer sobre a totalidade da experiência e suas possibilidades, estão aqui discutidos não só os aspectos positivos, como também os aspectos negativos atribuídos aos rituais em questão. Dessa forma, compreende-se que a significação atrelada ao ritual de despedida, seja ela boa ou ruim, será uma especificidade da vivência de cada um e portanto não passível de generalização ao mesmo tempo em que garante uma validação de todas as interpretações possíveis.

Antes de adentrar os rituais de despedida, é interessante entender a religiosidade como parte do ser. Se o ser-aí é entendido essencialmente como um poder-ser, um ser à deriva no mundo que mostra-se lançado diante das infinitas possibilidades de ser-no-mundo, é inevitável que exista uma angústia diante dessas possibilidades de ser. Uma angústia atrelada à necessidade de estar a todo momento escolhendo a possibilidade que lhe garanta um sentido de ser. “Enquanto ser lançado no mundo, o homem se vê sozinho na busca pelo sentido de sua vida, tendo que escolher a todo momento frente às possibilidades que lhe são apresentadas” (Pessanha; de Andrade, 2009, p. 82).

A religiosidade, cabe aqui como uma forma de garantir sentido às escolhas que são feitas, isto é, “o anseio pelo sagrado é uma necessidade humana na medida em que se busca a compreensão do sentido da vida, e, por assim dizer, da própria finitude” (Angerami, 2008 apud Pessanha; de Andrade, 2009, p. 82). Da mesma forma, é possível entender o pertencimento à

religião católica como uma maneira de buscar o sentido diante da angústia de possibilidade. Com isso, antes mesmo de pensar na importância dos rituais de despedida, é essencial entender que seguir as crenças da religião católica é por si só uma forma de ser-no-mundo e, portanto, uma busca de sentido do ser. Deste modo, os rituais como parte desta religião estão, *a priori*, entendidos como positivos quando parte do processo de significar e ressignificar a relação do ser-no-mundo.

Entretanto, na prática, é possível que nem sempre o pertencimento a uma religião seja ele mesmo uma busca de sentido. “O religioso também precisa aprender a “esvaziar-se” dos vícios que lhe são impostos para que possa construir sua fé diante de sua própria existência ante o mundo” (Torres, 2008 apud Pessanha; de Andrade, 2009, p. 83). Por isso, foi aqui discutida a importância dos rituais de despedida para além dessa premissa, uma vez que não é possível garantir que apenas o pertencimento ao catolicismo garanta uma relação positiva com tais rituais quando na busca do sentido de ser.

É preciso, primeiramente, revisitar a Morte na atualidade. Já foi visto e discutido sobre como a perspectiva da sociedade em relação à morte foi se modificando ao longo dos anos dentro da cultura ocidental, chegando à perspectiva que se tem hoje em dia. A morte é tida como um tabu, algo que gera medo e repulsa e que deve, portanto, ser uma tema a se evitar a qualquer custo. Se a sociedade modernista promove o coletivo em detrimento do individual, não há mais espaço para a manifestação da subjetividade, tal como o sofrimento e a angústia perante a finitude. “Ora, se a morte é um fenômeno individual e intransferível como diz a corrente existencialista, e o capital, monopoliza suas forças no coletivo, logo, na cultura de massa, não há espaço na sociedade atual para a morte” (Silva, 2011, p. 4).

Entretanto, cabe lembrar que a morte em nenhum momento deixou de ser um processo inevitável ou de ser um tema presente na cotidianidade, de modo que o único aspecto que foi se transformando ao longo da história foi a relação subjetiva das pessoas com a certeza da morte. “Então, ao mesmo tempo em que é interdita, a morte torna-se companheira cotidiana, invasiva e sem limites, e, embora essas mortes estejam tão próximas (real ou simbolicamente), reina uma conspiração do silêncio” (Kovács, 2003, p. 486).

Aparecem aqui os rituais de despedida como um paradoxo em meio a essa fuga da morte. Se por um lado, busca-se evitar o tema da morte de todas as maneiras possíveis, os rituais surgem como uma forma de confrontar essa morte. O ser enquanto poder-ser tem nele a possibilidade inevitável e incessante de não-ser. Tal possibilidade é imprescindível para garantir que o ser enquanto ser-no-mundo busque um sentido. É no não-ser, ou seja, na possibilidade intransferível da finitude, que o ser encontra sentido nas infinitas possibilidades de ser. Desta

forma, participar de um ritual de despedida pode ser uma forma de deparar-se com a finitude e, aceitando a possibilidade de si mesmo de não-ser encontrar alguma significação na vida.

Pensando nas Exéquias, por exemplo. Estas cerimônias realizadas logo após a perda de um ente querido são um importante espaço para o ser deparar-se com a finitude de si mesmo e confrontar a possibilidade do não-ser. Em uma sociedade onde não existe espaço para o sofrimento sobre a morte, é importante que existam momentos em que esse sofrimento é sentido e esvaziado. A falta de um espaço para a manifestação do sofrimento torna o sofrimento intolerável.

No entanto, é importante entender que dentro da sociedade moderna ocidental, o confronto com a morte e com o não-ser causa inevitavelmente angústia. Dessa forma, as Exéquias podem ser também um espaço que acentue ainda mais a angústia e que no fim, ao sentir a dor causada pela ausência do ente querido essa angústia seja revisitada e transformada em um sentido de ser. “O presente transforma-se aqui no campo de síntese plena de passado e futuro, uma síntese que dota o tempo agora de uma densidade ontológica que o transubstancia, reconciliando-o com a eternidade” (Casanova, 2015, p. 188).

Por outro lado, também é necessário considerar a possibilidade de que essa angústia não tenha um fim positivo para o ser enquanto ser-no-mundo. É possível que o ser pare de se entender como um ser-com-o-outro e que essa anulação do outro lhe traga um sofrimento profundo. De modo que, o ritual de despedida como um espaço de sofrimento é importante, mas para além desse ritual, esse sofrimento deve ser constantemente trabalhado a ponto de voltar a se configurar ao ser a possibilidade de ser-com para além da presença física do outro.

Em outras palavras, “o sofrimento só é intolerável quando não é cuidado, levando a processos autodestrutivos” (Kovács, 2014, p. 97). Desse modo, as Exéquias configuram um campo de cuidado para esse sofrimento, mas enquanto para uns apenas esse campo é o suficiente para ressignificar o sentido de ser, para outros é necessário que esse campo se estenda por mais tempo e que o espaço de sofrimento e elaboração continue aberto para a busca de sentido.

Partindo do confronto com a morte o ser não só se depara com a possibilidade intransferível do não ser como também com a noção de temporalidade. Se por vezes o não-ser é uma possibilidade do ser, a temporalidade é aquilo que garante sentido ao não-ser e vice-versa. Em outras palavras o não-ser, enquanto base para a busca do sentido de ser, encontra essa busca na temporalidade.

Pensando em rituais como as Exéquias e Missa de Sétimo Dia são importantes eventos em que o enlutado revisita as vivências que configuram a relação de si mesmo com o ente

perdido. Dentro da fenomenologia existencial, esse pensar sobre a relação equivale a pensar sobre a relação eu-tu com o ente perdido até o momento da perda. A temporalidade permite que esse ser-no-mundo relembre as possibilidades que existiram na relação com-o-outro no passado e como permitiram a formação de um ser-no-mundo que formou sua existência diante e com o outro, “A temporalidade é uma dimensão fundamental para a reflexão do sentido de ser do ser humano” (Cardinalli, 2015, p. 251).

Por outro lado, concomitantemente ao pensar o passado o ser se vê nesse momento obrigado a pensar o futuro e entender que a partir deste momento a relação eu-tu se modifica. Ao despedir-se de um ente querido em um velório, por exemplo, o ser está também se despedindo da relação eu-tu que se configurou entre ele e esse ente. Dado que agora o ente querido não está mais presente fisicamente, a relação eu-tu se mantém, mas a presença desse “tu” vai se construir em sua ausência, uma vez que não existe mais o “eu” diante de “tu”. “O futuro apela e solicita o ser-aí, quando o compreendemos como ser lançado no movimento de vir a ser, possibilitando, desse modo, tanto as mudanças nas maneiras de existir quanto a aproximação das incertezas e a instabilidade no viver” (Cardinalli, 2015, p. 251).

É um momento de mudança abrupto, que causa sofrimento, angústia e perda do sentido de ser. Assim sendo, lembrar e despedir-se é uma importante ferramenta para entender que agora esse “tu” não está, mas que ele ainda é e que, portanto, as memórias que ficam apesar da presença física, são o que permitirá a permanência da relação eu-tu.

O outro não cessa de se anunciar, todavia os modos de ser que se apresentam para o enlutado se restringem a poucas possibilidades de expressão, mais a lembranças do que efetivamente a presenças, são expressões de um ausente, uma vez que nossa tese comum, a corporeidade, é desfeita com o acontecimento da morte (Freitas, 2013, p. 103).

Além disso, levando em consideração especificamente a Missa do Sétimo Dia, é um importante espaço de compartilhamento de memórias e vivências do ente querido que se foi. Portanto, se agora a relação eu-tu se constrói na ausência do “tu”, conhecer a relação desse “tu” com outro “eu” é também uma maneira cuidadosa de ressignificar essa nova relação eu-tu. De igual modo também é um campo de criar ou reforçar novas relações eu-tu com pessoas que estão sofrendo a angústia do luto. Se à primeira vista a perda de um ente querido leva consigo a perda do sentido de ser, conectar-se em rituais de despedida com pessoas que são parte do fenômeno é também uma forma de encontrar um sentido de ser imediatista.

O fenômeno aqui é entendido como aquele que engloba todas as possibilidades de ser-com existentes na relação eu-tu, assim sendo o luto é parte deste fenômeno. Dessa forma, cada relação eu-tu manifesta-se de uma maneira diferente apesar do luto ser algo presente em todas

as existências. Para entender o fenômeno, é necessário reduzi-lo a ele mesmo, reconhecendo todas as possibilidades antes mencionadas e validando-as.

Apesar de seu contexto psicológico que pode ser analisável e classificável, fenomenologicamente, a especificidade da relação só pode ser compreendida no contexto da vivência e do sentido, onde o esforço metodológico se dirige à busca da compreensão das vivências enquanto fenômenos (Freitas, 2013, p. 99).

A Unção dos Enfermos é um importante ritual para se pensar o fenômeno como ele se apresenta. Por ser o único ritual que ocorre com o ente querido ainda em vida, é uma forma de significar a relação e preparar-se para uma mudança abrupta na relação antes que a pessoa se vá. Neste momento apresenta-se a ideia de horizonte histórico, isto é, pensar o fenômeno e a relação eu-tu exige que sejam reconhecidas todas as possibilidades de sentido existentes naquela relação. Muitas vezes a perda abrupta de um ente querido e a ausência de uma despedida da pessoa enquanto em vida é um fator que dificulta a ressignificação da relação eu-tu depois da partida da pessoa querida.

Assim, se de um lado as Exéquias permitem a abertura de um espaço para iniciar a ressignificação da relação eu-tu e começar a pensar sobre o “eu” quando na ausência física do “tu”; a Unção dos Enfermos permite que essa relação eu-tu seja revisitada, e reduzida a ela mesma ainda com esse “tu” em vida. Despedir-se da pessoa enferma, lembrar momentos importantes ao longo da trajetória desse ser-com-o-outro e permitir o entendimento da possibilidade de não-ser é essencial na construção do horizonte histórico da relação. Deste modo, quando essa pessoa se for e o enlutado precisar reencontrar uma forma de ser-no-mundo e ser-com na ausência do ente querido, o momento compartilhado com o enfermo na Unção dos Enfermos será um importante ponto de início para a ressignificação da relação. Em outras palavras, esse último momento será um fortalecedor do vínculo e facilitador da busca do sentido de ser quando estiver enlutado:

A literatura psicológica, portanto, por tratar da singularidade, apresenta elementos que não são estranhos a uma análise fenomenológica no contexto clínico: as variações da vivência do luto são influenciadas pela qualidade do vínculo entre o morto e o enlutado, assim como as especificidades da relação dos que estão envolvidos (Freitas, 2013, p. 100).

Evidentemente, os funerais e cerimônias aqui compreendidos como Exéquias também são um campo de articulação de sentido à medida em que a pessoa enlutada abre-se para a possibilidade de pensar o horizonte histórico que abarca a relação dela com o ente querido. No entanto, a diferença está posta no fato de que agora a pessoa não está mais presente, de modo que esse horizonte histórico será pensado apenas pela perspectiva desse ser e suas lembranças de ser-com. Se antes, o enlutado estava se despedindo deste ente querido, agora, ele abruptamente, terá que ressignificar sua perda sem uma despedida prévia. Nada impede,

portanto, que a Exéquia seja um momento de despedida, pois existencialmente pensando, a perda física do “tu” só é entendida e internalizada quando o enlutado reconhece que não existe mais o “eu” diante desse “tu” e para isso, primeiro, é necessário despedir-se, estando esse “tu” em vida ou não.

Se o luto é, *a priori*, não a perda do outro, mas uma perda de si mesmo quando na ausência do outro, os rituais de despedida auxiliam na busca de si mesmo sem esse outro. Se na sociedade ocidental não há espaço para o sofrimento e para o luto e a ressignificação só é possível quando o sofrimento for sentido e acolhido, os rituais de despedida são espaços que permitem o acolhimento desse sofrimento em meio a uma sociedade que o evita. O luto cria “um campo de exigência de um novo sentido, de uma nova forma de ser-no-mundo, de ressignificação da relação vivida com o ente perdido” (Freitas, 2013, p. 103) e rituais como as Exéquias, a Unção dos Enfermos e a Missa de Sétimo Dia atendem, em teoria, a essa demanda, quando pensada dentro da categoria de pessoas que seguem as tradições da religião católica.

Por outro lado, também é importante discutir quais aspectos dos rituais de despedida podem ser obstáculos na ressignificação da relação eu-tu e busca de sentido após a perda do ente querido. Retomando a ideia de que na sociedade ocidental não há espaço para o sofrimento, logo após a perda de alguém, é imediatamente exigido que o enlutado aprenda o mais rápido possível a se restabelecer, encontrar uma nova forma de ser-no-mundo sem aquele que se foi e se reconfigurar como um ser produtivo na sociedade, uma vez que um ser em sofrimento é taxado como improdutivo.

Dentro disso, quando se pensa na duração dos rituais de despedida aqui compreendidos, não se ultrapassa o período de um dia. De modo que apesar de serem espaços de acolhimento são ao mesmo tempo espaços para conter o sofrimento, isto é, configura-se ao ser um tempo específico e delimitado no qual ele poderá expressar seu sofrimento e sua angústia diante da perda do ente querido, tempo esse que dura menos de um dia. Mesmo pensando na Missa de Sétimo Dia que é feita após sete dias, existe um período de hiato entre a Exéquia que ocorre logo após a morte do ente e a missa onde não se há espaço para o sofrimento.

Se é o ritual de despedida um campo onde o ser pensa o fenômeno e reconhece a relação eu-tu criada no decorrer de uma vida inteira, é inegável o fato de que um dia e um ritual não são suficientes para esse ser encontrar uma nova forma de ser-no-mundo dado que não existe mais o “eu” diante daquele “tu”. O processo de busca de sentido está diretamente atrelado à temporalidade, uma vez que o ser-aí ao longo de sua vida experimenta diversas possibilidades de poder-ser enquanto ser-no-mundo em busca desse sentido. No entanto, é importante entender que essa busca nunca se cessa, o sentido de ser em sua totalidade nunca é atingido e é portanto,

essa busca incessante que mantém o ser constantemente aberto às infinitas possibilidades de poder-ser.

As infinitas possibilidades de ser-no-mundo exigem que sejam compreendidas, interpretadas e por fim articuladas a fim de formar um sentido na escolha de possibilidade que se toma, “O sentido sustenta, portanto, a compreensibilidade de alguma coisa, articulando a interpretação e o discurso” (Cardinalli, 2015, p. 251). De modo que para que existe essa compreensibilidade é imprescindível considerar seu caráter temporal, isto é, visitar e revisitar essas possibilidades de forma que sempre forme um sentido de ser. Não é um processo imediato, é um processo de uma vida inteira até que se alcance a possibilidade última de ser: o não-ser.

Com isso, retoma-se a ideia de que o ritual de despedida é apenas mais uma possibilidade na qual o ser pode encontrar um sentido em meio à angústia da perda. No entanto, o ritual termina após algumas horas e a sociedade logo exige que esse ser-aí se feche para a possibilidade do sofrimento, mas como pode o ser-aí, num período de horas, encontrar o sentido de ser sem esse ente querido se a busca pelo sentido é ela mesma uma busca infundável?

A busca de sentido do ser enlutado é um processo, e os rituais de despedida são eventos que auxiliam nesta busca, mas não são eles mesmos o fim delas. É preciso que esse processo de busca continue acontecendo após o momento do ritual, é preciso que a sociedade permita espaço ao sofrimento e à angústia. Nesse caso, o ritual de despedida terá um papel ainda mais enriquecedor quanto ao seu caráter ontológico.

Além disso, também é importante reconhecer que, deixando um pouco a relação eu-tu de lado, a própria sociedade ocidental impõe uma forma de ser-no-mundo. Quando se fala na negligência do sofrimento e da angústia, o que está sendo descrito é uma forma específica de ser-no-mundo, a qual limita as possibilidades do ser de modo a evitar que ele externalize sua dor. “Assim, o homem no seu cotidiano mantém uma conduta de fuga caracterizada pela indiferença e tranquilidade no saber da morte como um fato inevitável” (Cardinalli, 2015, p. 252).

Retoma-se aqui também a ideia de que cada ritual de despedida apresenta método e regras específicos a serem seguidos. A Unção dos Enfermos, por exemplo, tem o óleo como uma especificidade obrigatória no ritual. O mesmo ocorre para a Missa de Sétimo Dia, que por sua vez, deve ocorrer exatamente sete dias após o falecimento do ente querido. Entende-se, portanto, que existe uma certa performance que se realiza nestes rituais de despedida.

Assim sendo, partindo do modo-de-ser ocidental que evita o sofrimento e o tema da morte, o ritual de despedida pode ser mais um aspecto que corrobora para a manutenção desse modo-de-ser. Em outras palavras, a performance atrelada aos rituais de despedida podem servir

por um lado como uma forma de mascarar a angústia do luto e manter esse modo-de-ser que foge do sofrimento a qualquer custo. Essa performatização como máscara pode ser facilmente entendida a partir do conceito de Eternidade Frágil descrito por Marco Antonio Casanova (2015)

É o tempo de um tal modo de ser no mundo, do modo de ser no mundo do homem contemporâneo. Do homem que acorda em um mundo sem transcendência, sem imanência, sem qualquer possibilidade de apelo a sentidos e finalidades extramundanas, mas que não se vê necessariamente condenado, com isto, ao caráter avassalador de uma realidade sem sentido e sem direção, a um vagar pela terra sem jamais alcançar qualquer orientação. (p. 191)

Entende-se, portanto, que os rituais de despedida e sua importância quanto à ressignificação da relação eu-tu dependem exclusivamente de como o ser vivencia estes rituais e o luto. Desse modo, o ser pode ou não encontrar no ritual um sentido de ser, ou seja, participar do ritual de despedida pode ser algo relevante para o ser enlutado ao buscar um novo modo-de-ser, mas ao mesmo tempo pode, a partir de uma performatização, reafirmar um modo-de-ser já existente e impedir que o sofrimento e a angústia sejam sentidos em sua essência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, tornou-se claro que os rituais de despedida para além do caráter religioso, também constituem importantes espaços de ressignificação. Eles se apresentam como experiências auxiliares quando na manifestação e elaboração do luto, uma vez que permitem ao ser-aí o início de uma significação e reconfiguração do modo-de-ser agora sem o outro, para, a partir disso, continuar elaborando essa nova forma de ser-no-mundo.

Os rituais abordados: a Unção dos Enfermos, as Exéquias e a Missa de Sétimo Dia assumem, dentro da tradição católica, momentos de cuidado e confronto com a finitude. Quando vividos na totalidade da experiência, tornam-se fatores importantes na formação de sentido do ser. No entanto, quando tomados apenas como performance ou tradição, perdem parte de seu propósito e podem, inclusive, ter um impacto contrário ao esperado quando na elaboração do luto. O envolvimento subjetivo com o ritual é, portanto, essencial para que ele tenha sentido e cumpra seu papel acolhedor e transformador.

A sociedade ocidental contemporânea, marcada pela produtividade máxima e negação do sofrimento, frequentemente impõe uma lógica que impede e atropela o tempo necessário para a vivência do luto. Com isso, os rituais de despedida acabam se tornando breves espaços de manifestação da dor em meio a uma cultura que evita a angústia da morte. Entretanto, apesar do curto tempo de duração, esses momentos podem ser essenciais quando compreendidos como oportunidades de lembrar e ressignificar a relação eu-tu, agora caracterizada pela ausência do outro.

Do ponto de vista fenomenológico existencial, a finitude não é o fim absoluto, mas a possibilidade última que confere sentido ao ser. Assim, reconhecer a morte como parte da existência humana permite que o ser se perceba como um poder-ser e encontre sentido nas escolhas que realiza ao longo da vida.

Conclui-se, portanto, que os rituais de despedida, embora atravessados por limitações impostas pelo contexto sociocultural, seguem sendo fatores importantes na vivência do luto, uma vez que oferecem esse espaço, ainda que restrito, para a manifestação e acolhimento do sofrimento. Sua importância reside, portanto, não só no caráter subjetivo, mas também em seu papel coletivo enquanto compartilhamento de vivências. Para além de métodos e regras, os rituais de despedida configuram espaços de cuidado, identificação e ressignificação.

Por fim, vale ressaltar que este trabalho não busca encerrar o debate da morte, mas sim de ampliar esse campo de discussão. Estudar este tema é por si só uma forma de confrontar a

morte ao mesmo tempo em que se busca maneiras de se confortar com sua inevitabilidade. A finitude é um tema incerto e angustiante e estudá-lo é, portanto, afirmar a vida.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Ediouro Publicações, 2003.
- ARIÈS, Philippe; JORDÃO, Pedro. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média**. 1989.
- ARIÈS, P. O homem diante da morte (2v).(ML Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. **Publicação original de**, 1977.
- CÂMARA, Sérgio Lucas; BASSANI, Marlise Aparecida. A importância dos rituais diante da morte. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 33, p. 141-153, 2023.
- CARDINALLI, Ida Elizabeth. Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein). **Psicologia Usp**, v. 26, n. 2, p. 249-258, 2015.
- CASANOVA, Marco Antonio. Eternidade frágil: tempo existencial e abstração. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, v. 8, n. 15, p. 177-191, 2015.
- CARVALHO, Thais Rocha. **Perséfone e Hécate: a representação das deusas na poesia grega arcaica**. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DE BISPOS NO BRASIL (CNBB, 2003). **Nossa Páscoa: subsídios para a celebração da esperança**. In – Presbiteral. Petrópolis: Vozes, 2007.
- DE LUCAS FREITAS, Joanneliese. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 19, n. 1, p. 97-105, 2013.
- KOVÁCS, Maria Julia. A caminho da morte com dignidade no século XXI. **Revista bioética**, v. 22, p. 94-104, 2014.
- KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte temas e reflexões**. Casa do Psicólogo, 2003.
- PESSANHA, Priscila Paes; DE ANDRADE, Edson Ribeiro. Religiosidade e Prática Clínica: um olhar fenomenológico-existencial. **Perspectivas Online 2007-2011**, v. 3, n. 10, 2009.
- SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. Lisboa, Portugal: Porto Editora, 2014.

SILVA, Luís Cláudio Ferreira. A abolição da morte na modernidade. **Revista Odisseia**, n. 6, 2011.

DE SOUZA, Camila André. A temática da morte como campo de estudo da Ciência da Religião: theme of death as a field of study for the Science of Religion. **Último Andar**, v. 27, n. 43, 2024.

SODELLI, Marcelo; SODELLI-TEODORO, Alessandra. Visitando os “Seminários de Zollikon”: novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. **Psicologia Revista**, v. 20, n. 2, p. 245-272, 2011.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda de. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, p. e35412, 2019.

WERLE, Marco Aurélio. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans/Form/Ação**, v. 26, p. 97-113, 2003.